



# }2.1

## In Memoriam de Dalila Pereira da Costa

Arnaldo de Pinho

Faleceu no Porto em 3 de Março de 2012, Dalila Pereira da Costa (1918-2012). Da sua obra ensaística recordamos *Místicos portugueses do século XVI* (Lello 1986), *O Esoterismo de Fernando Pessoa* (1971), *Gil vicente e a sua época* (1989). Dela escreveu um dia António Quadros: “Na sua personalidade se encontram harmoniosamente, tanto a inteligência hermenêutica apoiada na mais sólida cultura, como a predisposição e saber de experiência feito de quem é, ela própria, uma espiritual, uma mística”.

Frequentadora assídua dos encontros promovidos pelo Centro de Estudos do Pensamento português do Centro do Porto da UCP, teve a presidir o seu funeral o Prof. Ângelo Alves, e à sua Missa de sétimo dia o Prof. Arnaldo de Pinho. Com os dois convivera e agraciara, abundantemente, a Universidade Católica – Porto, no seu testamento.

O Cónego Ângelo Alves, que conhecia bem a sua obra, afirma num texto que escreveu por ocasião de sua morte em “Voz Portucalense”, que o “facto de sua obra ter sido iniciado aos 52 anos, em plena maturidade existencial tem uma explicação: tratou-se para ela do cumprimento dum dever imperioso, de uma ordem recebida em experiência extática, ao longo da vida e em instantes privilegiados. . . “resultando este esforço que empreendeu em toda a sua obra deste factor, da filosofia da religião e da história comparada das religiões.”

Segundo Miguel Real, num importante texto que escreveu para o III colóquio sobre a saudade em homenagem a Dalila Pereira da Costa, "fundamentando-se em Fernando Pessoa, Dalila Pereira da Costa, terminado historicamente o ciclo do Império por via da descolonização em 1975, anuncia, em 1976 "uma eclosão" das forças anímicas portuguesas centradas na saudade, agora na descoberta do mar absoluto do Espírito, que será também um segundo mar da saudade.

Talvez que, de facto, a originalidade mais profunda de Dalila tenha estado na superação do dualismo paganismo/cristianismo, mito/razão, pela saudade, como espécie de sintetizador de toda a história de Portugal.

Num texto muito original, André Torres Queiruga, estabeleceu um dia uma relação muito interessante entre Maria Zambrano e Dalila, afirmando que as obras da notável autora espanhola, *O Homem e o divino*, *Para um saber da alma* e *Clareiras do Bosque*, estão cheias de análises que remetem, em última instância, para uma "fome congénita das entranhas humanas".

Pensa Queiruga que, nas duas autoras a raiz nutricional é distinta: na autora portuguesa há uma espécie de recuperação do passado no futuro, que isso se chame sebastianismo ou quinto Império, em Zambrano foi a experiência do exílio, que viveu durante os tempos de Franco, que abriu uma brecha na alma mostrando que são "maiores as raízes que os ramos que saltam para a luz". Em qualquer das experiências, cabe a palavra saudade como mediação, mas também a palavra transcendência como direção de sentido duma experiência vivida.

Se, todavia, Maria Zambrano começa a ser estudada e traduzida e não só em Espanha, Dalila, está ainda quase por estudar. Esperemos que a Universidade Católica a quem legou o espólio e a casa onde viveu e pensou, se recorde dessa tarefa.